

# 1 Introdução

No dia em que o jovem Cabral chegou por aqui,  
Conforme diversos anúncios na televisão  
Havia um coro afinado da tribo tupi  
Formado na beira do cais cantando em inglês.  
(Gonzaguinha- Desenredo )

Todo trabalho, por menor que seja a sua complexidade, guarda um sem número de recantos pouco óbvios, reflexões somente esboçadas, intenções perdidas. A coerência e a desordem superficiais escondem, por vezes, alguns dos pontos mais prolíficos. A interação das ideias políticas com certos meios, distantes dos de sua gestação, constituem um interesse pouco explícito, porém muito relevante para a presente dissertação. Os caminhos de uma teoria a partir de um outro centro, atravessado por valores e modos de pensar diversos, pareciam preocupação indispensável para a compreensão da atividade intelectual brasileira. Não se trata, por certo, de um radical localismo, que refuta os vínculos do Brasil com a cultura ocidental e a relevância dos afluxos de ideias estrangeiras. O país, ao menos em sua concepção moderna, nasce imerso no mundo, determinado pelos empreendimentos ibéricos ultramarinos e pela configuração do império lusitano. A inserção de construções teóricas europeias e, posteriormente, norte-americanas constitui elemento basilar da história nacional. A influência externa não exclui, todavia, a constante criação e recriação nacional de formas diversas de expressão. Mesmo ao utilizar doutrinas estrangeiras, os pensadores brasileiros produzem novos conceitos, uma vez que a coincidência de termos não esconde a insuperável necessidade de adaptá-los à realidade diversa.

O pensamento político brasileiro é, pois, rico e prolífico em termos de construções intelectuais, sendo todo o tempo atravessado por modos de pensar distantes dos padrões ocidentais. A ambivalência entre os sentimentos de inclusão e alheamento caracteriza as reflexões sobre o país, que embora inserido nos termos da ordem global dominante, guarda uma inevitável distância ante tal estrutura, por razões culturais, políticas e econômicas. A referência de José Guilherme Merquior a um “outro ocidente” não poderia ser mais precisa <sup>1</sup>.

Relações entre as teorias políticas centrais e a América Latina são temas de amplas controvérsias na tradição política brasileira, tais como os debates entre

---

<sup>1</sup> MERQUIOR, Jose Guilherme, *O outro Ocidente*.

Roberto Schwartz e Maria Sylvia de Carvalho Franco,<sup>2</sup> Richard Morse e Simon Schwartzman<sup>3</sup>. Os confrontos passam pela recepção das teses estrangeiras, pelo seu caráter mimético ou inventivo. Do mesmo modo, questiona-se a originalidade do pensamento brasileiro, as consequências e possibilidades da via ibérica de acesso ao moderno. Neste terreno, as adesões entusiásticas a qualquer dos lados, através do ufanismo das construções nacionais e da desvalorização das contribuições brasileiras, soam usualmente perigosas.

A esfuziante defesa do iberismo por Morse desvela dogmas despercebidos e adesões imotivadas a perspectivas exógenas, mas acarreta o risco do conservadorismo acrítico e do esteticismo político, que ignora os profundos problemas em virtude coerência de certa representação do real, recaindo em reiterada exaltação do *status quo*. Já o radical americanismo de Schwartzman, que retrata certas peculiaridades nacionais como formas mal-acabadas da civilização ocidental, ajuda a problematizar determinadas práticas nefastas da sociedade brasileira, porém incorre em questionável idealização das trajetórias de algumas civilizações ditas desenvolvidas.

A sorte do liberalismo nos trópicos constitui um fecundo caso de análise das referidas tensões. Ideário mais influente no pensamento político brasileiro, a doutrina liberal interagiu profundamente com a realidade do país<sup>4</sup>. São diversas as formulações conservadoras ou progressistas, desde o período de ampla predominância, ao longo do Império, até os confrontos com autoritários, socialistas e positivistas, a partir da República. Apesar das referências exógenas, não há como negar a existência de um liberalismo brasileiro, vinculado à tradição política do país. Mais do que uma mera importação desenraizada, trata-se de uma teoria profundamente entranhada na história nacional.

O liberalismo europeu é, de fato, uma ideia fora do lugar em nosso meio, doutrina em descompasso com a realidade, embaraçada ante as evidências do cotidiano. Não resiste em meio ao personalismo ibérico. Existem, todavia, liberalismos nacionais, formas livremente inspiradas na tradição europeia e estadunidense, em face da qual guardam relativo parentesco, mas não completa

---

<sup>2</sup> SCHWARTZ, Roberto, *As ideias fora do lugar*, In: *Ao vencedor as batatas*. FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho, *As ideias estão no lugar*.

<sup>3</sup> MORSE, Richard, *O espelho de Próspero*; MORSE, Richard, *A miopia de Schwartzman*; SCHWARTZMAN, Simon, *O espelho de Morse*; SCHWARTZMAN, Simon, *O gato de Cortazar*.

<sup>4</sup> Gildo Marçal fala do “liberalismo em geral” como característica do pensamento político-social brasileiro, em BRANDAO, Gildo Marçal, *Linhagens do pensamento político brasileiro*.

identidade. Mesmo a linhagem americana, menos afeita às formulas nativas, cunhava suas expressões peculiares a partir da necessidade de dialogar com o mundo que a cercava, de compreender a interação entre as instituições e a sociedade.

A grande questão é definir a natureza deste liberalismo, suas expressões e meandros. Importa explicitar as peculiaridades e semelhanças ante as formas exógenas, tarefa que impõe mais do que um mero inventário de teses, uma vez que indaga as relações entre as ideias e as coisas, lançando um novo olhar para a inserção do Brasil no mundo. Deve-se perceber o papel dos modos liberais na política brasileira, a relação do liberalismo com as permanências e inovações da ordem nacional.

O estudo do udenismo se insere nesta perspectiva <sup>5</sup>. Mais do que uma doutrina partidária, ele constitui um modo de conceber e atuar na dinâmica política. Apesar da óbvia identificação com o partido, o udenismo não se restringe a seus limites institucionais. O objeto é, de certo modo, privilegiado, por conjugar a fina reflexão teórica à influente prática política em um mesmo ator. Os udenistas não somente construíram larga obra de pensamento político brasileiro, como representaram o principal ator liberal do interregno 1946-1964. A presente dicotomia, que será retomada algumas vezes no trabalho, não olvida que a expressão de ideias políticas, mesmo quando restrita ao campo dito teórico, constitui por si só uma prática política, uma ação política que intervém, mais ou menos intensamente, no mundo. O objetivo do seu uso é apenas ressaltar as inevitáveis consequências, para a construção e recepção das ideias, da inserção do autor na dinâmica estatal-representativa, destacar os reflexos de tal atividade nos discursos analisados.

O udenismo constrói interessante relação com a tradição do pensamento político brasileiro, sempre presente em seus pronunciamentos. Ao mesmo tempo em que se refere constantemente à linhagem americana, exaltando Teófilo Otoni, rompe com premissas centrais deste ideário, com a adesão a ideias ibéricas e o elogio do realismo de alguns saquaremas <sup>6</sup>. Amálgama entre iberismo e americanismo, liberalismo doutrinário e autoritarismo instrumental, o udenismo

---

<sup>5</sup> Conceitos como udenismo, americanismo e iberismo, dentre outros, serão abordados no segundo capítulo.

<sup>6</sup> “Saquarema” é o modo pelo qual se intitulava os liberais do Império.

inova ao mesmo tempo em que persiste, está imerso em rupturas e permanências. O próprio partido abrigava uma grande variedade de correntes, que discordavam quanto a inúmeros temas. Apesar dos embates internos a unidade perdurava, amparada nos consensuais inimigos do partido, que ganhavam nova face ao longo dos anos, embora mantivessem em comum o vínculo com as formas populares de expressão política.

O ecletismo do ideário udenista expressa bem a trajetória liberal em terras brasileiras, as muitas formas de uma ideologia exógena em constante interação com certo ambiente incomum. De fato, as duas principais linhagens do liberalismo brasileiro se fazem nele presentes. A primeira se vincula a mediação do iberismo, que com seus valores de ordem, harmonia e hierarquia, sempre referidos a inserção do indivíduo em um princípio comunitário maior, não foi inerte. Produziu uma vertente de liberalismo conservador, inspirado pelos opositores franceses da revolução, mas não restrita a eles, com grande relevância no Império e forte influência sobre os teóricos antiliberais da República. O tom do debate político imperial decorre dos protagonistas deste corrente, grandes responsáveis pelas instituições e caminhos do regime, como Bernardo Pereira de Vasconcelos e o Visconde do Uruguai. Havia, por outro lado, os que se afastavam de tal perspectiva, retratando o iberismo com mácula a ser superada pelas práticas liberais das nações mais avançadas. Alcançaríamos o moderno pelo artifício da política, não pela reiteração do tradicional. As formas desta concepção se aproximavam de um liberalismo doutrinário, mais semelhante ao praticado do outro lado do Atlântico, mas, mesmo assim, diverso, na medida em que necessitava se confrontar com realidade bem distinta. Derrotada ao longo do Império, tal linhagem predomina durante a primeira República, tendo a Constituição de 1891 como grande baluarte. O udenismo conjuga elementos destas duas tradições, com a convivência entre retóricas, perspectivas e práticas anteriormente distantes.

Os meandros deste sincretismo explicitam algumas das motivações dos liberais brasileiros. Demonstrem, principalmente, seu maior limite, o povo. As vias americana e ibérica encontram na inclusão igualitária das massas o seu mais intenso temor, a fronteira que leva adversários teóricos a convergirem, e impõe a alguns radicais entusiastas as mais inesperadas apostasias. Percursos ideológicos expõem, de modo muito claro, certas fraturas sociais.

O papel do direito é fundamental neste processo. Entre a deslegitimação das formas jurídicas, delineada pelos autoritários, e o bacharelismo udenista, amparado em um discurso da exceção, corre uma tradição que faz uso do aparato legal como eficiente instrumento de neutralização das consequências, por demais igualitárias, dos institutos democráticos. Os efeitos progressistas da conservação da ordem são evitados pelas rupturas, que revolvem a ordem vigente para garantir a manutenção de certos princípios. As permanências se concretizam a partir da mudança.

...

O escasso tempo destinado à confecção desta dissertação impediu uma pesquisa histórica mais detalhada, com maior recurso a certas fontes primárias, tais como discursos parlamentares, programas partidários e jornais de época. Os discursos parlamentares de Lacerda, suas crônicas na Tribuna de Imprensa durante a Constituinte de 1946, e alguns pronunciamentos de Afonso Arinos são exceções a esta ausência. O trabalho com obras teóricas das principais figuras da UDN também sofreu relativa restrição, sendo escolhidas as duas figuras mais representativas dos extremos do partido: Carlos Lacerda e Afonso Arinos de Melo Franco. Mesmo assim, em virtude da ampla obra de Arinos, autor de mais de trinta volumes, foi necessária uma seleção de suas contribuições. A própria organização das citações já foi, de fato, em grande parte prejudicada pela restrição temporal.

A natureza do trabalho atenua, entretanto, a lacuna. Não se trata de um estudo sobre UDN, tema de trabalhos mais meticolosos e bem construídos,<sup>7</sup> mas de breve análise acerca das relações do udenismo com algumas linhagens e tradições do pensamento político-social brasileiro. A convivência entre liberalismo doutrinário e autoritarismo instrumental, dentro do discurso udenista, constitui o principal ponto do estudo, que aborda algumas permanências discursivas entre o léxico autoritário da primeira República e o discurso udenista.

---

<sup>7</sup> Um exemplo é o ótimo livro de Maria Victoria Benevides, *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro*.

Outro possível problema é a presença de termos muitos gerais, de escassa precisão e difícil determinação. O leitor pode, eventualmente, conceber a existência de apenas uma forma de liberalismo, udenismo e autoritarismo, em perspectiva amplamente anacrônica, assim como não identificar as mutações no seio das linhagens ibérica e americana. Trata-se de um risco inerente ao espírito do trabalho, que tenta trabalhar com grandes panoramas e trajetórias, além de definir longas permanências históricas. Ao longo da exposição buscou-se relativizar tal aspecto, através das reiteradas distinções internas aos estilos de pensamento, e do constante esforço em historicizar os ideários.

O trabalho se divide em três capítulos, além da conclusão e da introdução. O primeiro capítulo expõe as muitas formas de organizar o pensamento-social brasileiro. A divisão mais influente, oriunda da dicotomia de Oliveira Viana entre idealistas orgânicos e constitucionais, é brevemente delineada, a partir das perspectivas de autores como Wanderley Guilherme dos Santos, Luiz Werneck Vianna e Gildo Marçal Brandão. Esboça-se também a presença das ideias liberais em tais linhagens, assim como algumas similaridades das principais tradições.

O segundo capítulo trabalha o conceito de udenismo, tal como utilizado por Maria Victoria Benevides, a partir das principais teses e expressões do referido ideário, sem falar nas distinções entre seus principais atores. Distingue-se o udenismo da doutrina oficial da UDN, qualificando-o como um modo determinado de percepção e atuação política, tipo peculiar do liberalismo. As variedades internas dos udenismos são também realçadas, com base nas obras de Afonso Arinos de Melo Franco e Carlos Lacerda.

O terceiro capítulo, por sua vez, traça algumas aproximações entre o udenismo e os autoritarismos da primeira República. Amparada na estrutura analítica de Bolívar Lamounier, a dissertação identifica coincidência de teses, distinções históricas e teóricas, além das consequências de tais semelhanças entre as duas ideologias. A inserção do udenismo no pensamento e na tradição política brasileira é, deste modo, melhor determinada, com uma mais detida reflexão sobre seus reflexos e causas.